

Educação a Distância: descobrimo o prazer de escrever

EDNA MARIA BARIAN PERROTTI*

RESUMO

O objetivo deste texto é fazer um relato da experiência com os cursos de redação (produção de textos) on-line ministrados pela Metodista. Procura-se refletir sobre a educação a distância com o uso das novas tecnologias, retratando, primeiramente, a experiência num curso por correspondência em busca de uma linguagem para aproximar aluno e professor e mostrando a resistência que alguns professores têm em aceitar cursos que não são ministrados dentro do espaço escolar. A seguir discute-se o significado de educação a distância, expõem-se as concepções que dão suporte à produção de textos – leitura e redação –, como atividade que deve despertar prazer, e apresentam-se os resultados dos três cursos de produção de texto já ministrados pela instituição.

* Professora da Faculdade de Educação da Umesp no curso de Letras e no Mestrado em Educação. Integrante do Grupo de Trabalho de Educação a Distância do CEAD – Centro de Educação a Distância da mesma universidade.

BARIAN PERROTTI, E. M. **Educação a distância: descobrimo o prazer de escrever.** In BARIAN PERROTTI, E. M.; VIGNERON, J. **Novas Tecnologias no contexto educacional: reflexões e relatos de experiências.** São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2003.

INTRODUÇÃO

... estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do irrisório no cotidiano de cada um.

Fernando Sabino

A epígrafe faz parte de “A última crônica”, na qual Fernando Sabino, ao mesmo tempo em que apresenta as características da crônica, deixa claro que até para quem está acostumado a lidar com as palavras, para quem tem nelas a matéria-prima da sua profissão, escrever é um ato que traz preocupações, mexe com os sentimentos, pode assustar:

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. (Sabino, 1980: 40)

De fato, quase sempre estamos adiando o momento de começar nosso texto e, quando o fazemos, riscamos, rabiscamos, cortamos, começamos novamente.

Amassamos o papel, pegamos uma outra folha e paramos, em busca de novas idéias, de novas palavras, de novas construções. Ou então, à medida que vamos deixando de lado o exercício tipográfico, aquele em que “o texto no papel é escrito e lido linearmente, seqüencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra” (Soares, 2002:150), e começamos a registrar nossas idéias na tela, passamos a salvar um início aqui, um início ali, a buscar um novo arquivo, a copiar, deletar, inverter, selecionar... Recortamos e colamos, sem tesoura nem cola – com um simples toque mágico no instrumento eletrônico ao alcance da nossa mão –, textos escritos há algumas horas, há alguns dias, há alguns anos... Caneta ou lápis, agora, para um grupo socialmente privilegiado, só para as anotações à margem dos textos impressos de livros, revistas ou periódicos não disponíveis on-line.

A produção de textos sempre responde a uma solicitação, tem uma finalidade, ainda quando o fazemos sem intenção de entregá-lo a quem quer que seja: uma motivação interior nos impele a externar o que estamos pensando, o que estamos sentindo. A simples anotação de algumas idéias em uma reunião também traz subjacente uma intencionalidade: gravar, memorizar, registrar. Este texto mesmo, que começamos a construir, tem um objetivo específico: relatar a experiência do curso de produção de textos on-line ministrado pela Metodista para a coletânea que o Grupo de Trabalho de Educação a Distância da instituição pretende publicar. E, à semelhança do narrador de “A última crônica”, abandonamos as formas tradicionais de construção de texto e, à guisa de reflexão, vamos registrando os conceitos com que trabalhamos ao longo desses anos para vivenciar o

processo de “educação a distância”; vamos revendo nossas crenças para aprender a trabalhar como professora no curso de produção de textos on-line; questionamos os argumentos utilizados com educadores que têm grande resistência para aceitar sejam os alunos educados por novas tecnologias; analisamos os métodos para transmitir o prazer de escrever a alunos que se matricularam no curso de produção on-line, a alunos que não têm à sua frente a pessoa física de quem se propõe a dar um curso de produção de textos. E nessa reflexão fica claro o ponto de intersecção entre duas experiências profissionais muito significativas: a do ensino/aprendizagem de leitura/redação (produção de textos) e a de cursos dados a distância.

Refazemos o caminho às vezes buscando atalhos, ouvindo as vozes daqueles que já falaram sobre o tema, dos que já percorreram trajetórias semelhantes, às vezes parando para refletir sobre suas falas... Na verdade, estamos utilizando na construção do texto os caminhos da intertextualidade – serão os mesmos caminhos do hipertexto? –, policiando-nos para não divagar, porque é necessário um mínimo de objetividade, é necessário administrar o tempo e o texto, é necessário – seguindo a pedagogia tradicional do ensino de redação – introduzir o tema, desenvolver as idéias e concluir o pensamento. É necessário escrever: a perspectiva de falar sobre experiências pessoais – ainda que profissionais – já não assusta mais.

EDUCAÇÃO... A DISTÂNCIA

O início da experiência com cursos não presenciais está longe, distante... Começa em fins da década de

70, com o convite para renovar a linguagem dos cursos de correspondência ministrados por um instituto de ensino já com grande tradição – na época, com mais de três décadas de existência – e alunos espalhados por praticamente todo o território nacional e por muitos países de língua portuguesa.

Intuindo a necessidade de maior interação professor/aluno, os coordenadores de diferentes cursos – de refrigeração e corte e costura a primeiro e segundo graus – queriam uma linguagem que diminuísse a frieza provocada pela distância do espaço físico, pela ausência do contato pessoal. Em tarefa muito delicada, dada sua ousadia para a época, com grande resistência por parte dos professores, foi aos poucos sendo a função referencial (centrada no referente) substituída pela função conativa (centrada no destinatário): o tratamento “senhor/senhora”, ou simplesmente “o aluno”, dando lugar a “você”, o que não deixou de ter como respostas reações indignadas de muitos professores, que não concebiam tratamento tão informal, ou mesmo tão “desrespeitoso”. Por fim, cedeu-se à possibilidade de as aulas – em formato de fascículos – serem “ministradas” com o tratamento “você”, mas este uso foi temporariamente adiado nas cartas que os professores respondiam a seus alunos, para não dar margem a que eles, por sua vez, tratassem os professores com outro tratamento senão aquele que a hierarquia exigia: o senhor/a senhora. Qualquer outra forma afetiva também não era vista com bons olhos. As cartas sempre deviam terminar com um atentamente ou com um cordialmente. Só mais tarde é que foi aceito o “até breve”. Estava implícito nos discursos dos que impediam uma linguagem mais interativa, mais afetiva, o seu conceito de educação: algo que vem de cima para

baixo, que é dado por quem domina o saber e que, como tal, deve ser colocado num pedestal, recebendo todas as reverências que o cargo lhe outorga.

E parece ser este o conceito de educação que domina em muitas circunstâncias. Provavelmente em função de a educação ser concebida como atividade centrada no educador, que detém o conhecimento e sabe o que é bom e o que é ruim para seus alunos, muitos professores ainda vêm com resistência a educação a distância, entendida ela não como educação dada a distância, mas como ensino por correspondência.

Em 1997, quando um grupo de professores do curso de letras propôs uma pesquisa sobre educação a distância na universidade, visando a introdução de cursos a distância e já vislumbrando a possibilidade de cursos online, muitos professores, especialmente os que não eram da área, entenderam que estava sendo proposto um ensino de línguas por correspondência, o que para eles era impossível, já que a competência comunicativa, segundo suas concepções lingüísticas, só poderia ser desenvolvida com a presença de um professor, a quem cabe ouvir e corrigir a pronúncia dos falantes. Alguns também entendiam que a universidade não podia enveredar por esta forma de ensino sem perder sua aura de academia. Outros, ainda, apresentaram reservas quanto à construção do conhecimento feita de uma forma não sistematizada, fora de um local em que os papéis vêm previamente definidos, em que o horário estabelecido de antemão é cumprido com rigor, confundindo, de certo modo, educação com escola: “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissi-

onal não é o seu único praticante” (Brandão, 1982:9); “a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (Saviani, 1984:4).

Quase seis anos se passaram e ainda hoje, quando a opção da Metodista pela educação a distância com o uso de novas tecnologias se tornou uma prática irreversível, muitos professores questionam a viabilidade de construção do conhecimento fora do espaço escolar. É certo que, nos cursos presenciais, o aluno constrói seu conhecimento na relação que estabelece com seu professor, contribuindo para a construção deste conhecimento os textos que lê, as reflexões que faz sobre suas leituras, os debates de que participa em sala de aula e fora dela, os vídeos a que assiste, os diálogos que estabelece com seus pares no trabalho, na família, em suas atividades sociais, mas também lhe trazem contribuições suas incursões na internet, seu contato virtual com o que é produzido no seu bairro, na sua cidade, no seu país, no planeta, no ciberespaço.

Na verdade, o que está em jogo, quando nos propomos a ministrar cursos a distância, é principalmente a concepção que temos de educação e, conseqüentemente, do papel do professor. Sem a preocupação de aprofundar as reflexões sobre as possibilidades de enriquecimento individual que traz a vivência do coletivo na sala de aula – não é objetivo deste trabalho discutir este aspecto –, no que se refere ao professor, cabe a ele, quer na modalidade presencial, quer na modalidade virtual, sistematizar seu plano de ensino, selecionar textos, indicar leituras, discuti-las com o aluno, ressaltar os pontos mais importantes, estabelecer prazos de tarefas, corrigi-las, devolvê-las. A diferença, na modalidade virtual, são os recursos utilizados: chats e fóruns substituem

discussão em pequenos e grandes grupos da sala de aula presencial; e-mails substituem as tarefas escritas no papel; “o texto na tela – o hipertexto – é escrito e lido de forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida” (Soares, 2000:150).

DESCOBRINDO O PRAZER DE PRODUIR TEXTOS

Com todas as facilidades que oferece, o computador veio resgatar a atividade de escrita. Pessoas que há muito não escreviam cartas, começaram a receber e-mails e a ter que respondê-los. Executivos que nunca haviam se sentado diante de uma máquina de escrever, se viram, num curto período de tempo, compelidos a redigir de forma clara, objetiva e coerente, no computador colocado em sua sala, os relatórios cuja elaboração anteriormente delegavam a suas secretárias. As secretárias, por sua vez, passaram a ser responsáveis por um número maior de correspondências, a se sentar diante do computador e a redigir direto na tela o que antes lhes era ditado, o que rascunhavam antes de datilografar. Professores se viram solicitados a pesquisar na internet, a preparar suas aulas em Power-Point, a registrar suas atividades em programas de computador. Alunos se depararam com trabalhos prontos para serem copiados, alterados, apropriados e não tiveram nenhum problema em utilizá-los como se fossem seus.

Como o computador foi invadindo os escritórios, os ambulatórios, os consultórios, as escolas, muita gente se deu conta de que precisava escrever melhor e em me-

nos tempo. Fez-se necessário dominar a arte de escrever. E assim surgiram os cursos de redação aproveitando um dos benefícios trazidos pelo computador: o acesso à internet, a possibilidade de um curso a distância com o uso de uma nova tecnologia.

Como escrever implica ler, não se pode conceber um curso de redação em que não esteja presente a capacidade de leitura. O termo redação também, por sua vez, dá a idéia de algo padronizado, de uma estrutura fixa, com começo, meio e fim predeterminados, seguindo rigidamente os padrões gramaticais. Daí a nossa opção por um curso de redação que privilegiasse a produção de textos.

A produção de textos é um processo vivenciado tanto pelo escritor como pelo leitor. Quem lê também faz parte do processo de produção, quer porque é um dos destinatários para quem o texto foi produzido, dele se apropriando segundo seu conhecimento de mundo, quer porque, ao ler, produz um novo texto, à medida que procura “agrupar os elementos significativos (figuras ou temas) que se somam ou se confirmam num mesmo plano de significados” (Fiorin & Savioli, 2000:102), num trabalho de novas tessituras, de novas combinações, de relações internas e externas.

○ que acontece quando lemos ou escutamos um texto? Em primeiro lugar, o texto é perfurado, ocultado, permeado de brancos. São as palavras, os pedaços de frases que não ouvimos (não só no sentido perceptivo, mas também intelectual do termo). São os fragmentos de texto os quais não compreendemos, não tomamos em conjunto, não reunimos uns aos outros, negligenciamos. Paradoxalmente, ler, escutar, é começar por negligenciar, por não ler ou desligar o texto. Ao mesmo tempo em que rasgamos o texto pela leitura, nós o ferimos. Nós o recolocamos

sobre ele mesmo. Nós relacionamos, umas às outras, as passagens que se correspondem. Os pedaços dispersos sobre a superfície das páginas ou na linearidade do discurso, nós os costuramos em conjunto: ler um texto é re-encontrar os gestos textuais que lhe deram seu nome. As passagens do texto estabelecem virtualmente uma correspondência, quase uma atividade epistolar que nós, bem ou mal, atualizamos, seguindo ou não, aliás, as instruções do autor. Produtores do texto, viajamos de um lado a outro do espaço de sentido, apoiando-nos no sistema de referência e de pontos, os quais o autor, o editor, o tipógrafo balizaram. Podemos, entretanto, desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, nós de redes secretos, clandestinos, fazer emergir outras geografias semânticas. Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma superficialidade inicial, rasgar, ferir, entortar, redobrar o texto, para abrir um meio vivo onde possa desplugar-se o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É percorrendo-a, cartografando-a que nós o fabricamos. (Levy, 1998)¹

Cada uma das riquezas do texto pode ser descoberta, explorada, observada, entendida no contexto em que foi produzida pelo escritor e utilizada depois, num novo texto, com outras combinações de palavras, de frases, de parágrafos; com outra intencionalidade e com outra intertextualidade em outro contexto criado pelo leitor, agora escritor.

O fascínio que o texto produz pode ocorrer em vários planos. No plano da informatividade, quando o leitor se apropria de um novo conhecimento; na tessitura de laços e entrelaços, quando o escritor vai em busca da melhor palavra (*definir uma palavra* é

1. Texto disponível em <http://empresa.pportoweb.com.br/pierrelevy/nossomos.html>.

capturar uma borboleta no ar, diz o mestre Aurélio); no plano de novas formas, quando o escritor percorre caminhos ainda não conhecidos; no desfrutar a arquitetura de uma nova linguagem, quando o leitor se detém nas metáforas utilizadas pelo escritor, saboreando-as uma a uma, sentindo vontade de delas se apropriar para a construção de um novo texto, para a divulgação de uma nova forma de prazer..

Mas o gosto pelo texto não nasce do simples contato com as letras, com as palavras, com a sua estruturação. O prazer sinestésico do texto vem dos desvendamentos do que traz em suas linhas e em suas entrelinhas; do entendimento do dito e do não dito; do reconhecimento do posto e do pressuposto. Prazer que pode ser compartilhado, apontado, revelado no que podemos chamar de processo de aprendizagem de produção de texto – leitura/redação. Um processo que tem vários atores e nenhum protagonista. Uma aprendizagem que se constrói no fazer e no refazer, em que a trama do tecido vai sendo construída em conjunto, na discussão, na procura da melhor forma, do melhor jeito de dizer e se fazer entender. Principalmente “no texto eletrônico, a distância entre autor e leitor se reduz, porque o leitor se torna, ele também, autor, tendo liberdade para construir, ativa e independentemente, a estrutura e o sentido do texto” (Soares, 2002:154).

Foi com esta concepção de produção de textos e com a concepção de que educação é um processo de construção do conhecimento que não ocorre apenas de forma sistematizada, na escola, mas também fora dela, em outros espaços, que foi planejado o curso de produção de textos para ser ministrado on-line.

O CURSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ON-LINE: RELATO DA EXPERIÊNCIA

Em 1999, sem dispormos ainda de um referencial teórico significativo sobre produção de textos on-line, delineamos algumas possibilidades de como ele deveria ser com base na prática da sala de aula, em depoimentos de alunos sobre o processo de interação na internet, nas experiências realizadas com alunos da graduação e da pós-graduação e na crença do que devem ser atividades desta natureza.

“Os textos, enquanto unidades comunicativas, manifestam diferentes intenções do emissor: procuram informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, etc.” (Kaufman e Rodriguez, 1995:13). Nesse sentido, é fundamental dar voz ao sujeito que escreve não como alguém que está simplesmente exercitando o ato de escrever, mas como alguém que utiliza a linguagem como atividade de interação com o outro.

É bom que esse primeiro ato de interatividade seja concretizado pelo conhecimento das expectativas daquele que se vê diante do texto a ser explorado. Por isso, no nosso curso de relação on-line, estabelecemos o diálogo com um outro texto, chamado de introdutório, cuja intencionalidade foi fazer com que o aluno discorresse sobre suas necessidades, sobre sua história de vida, sobre suas atividades de sujeito-autor... A partir de suas necessidades, num texto-resposta personalizado em que se valorizou seu papel de sujeito, foram discutidos os objetivos da atividade leitura/redação, sua metodologia e seus recursos². Era a primeira tentativa de aproximação, de

2. Pelo seu próprio caráter de curso, oferecido por uma instituição, sob a coordenação de um professor, o curso de produção de textos da Metodista foi sistematizado, organizado em unidades, com objetivos claramente definidos, com metodologia e recursos explicitados, prazos de entrega e de devolução das correções.

envolvimento com o outro, e a linguagem não dispensou um abraço um abraço virtual.

Explorar o texto primeiramente pela leitura, como já foi dito, tem sido, nas aulas de produção de textos, uma forma de sensibilizar o aluno para as diferentes possibilidades de estruturar o seu próprio texto. “Uma das razões é que a leitura é a operação de recepção do leitor. E é sabido que o leitor lê baseado em seu repertório cultural, em sua experiência textual e capacidade lingüística” (Meserani, 1995: 42). A outra é que, conhecendo de forma explícita os mecanismos a que pode recorrer para tornar seu texto cada vez mais adequado, o aluno passa a gostar de escrever, passa a ter prazer não só pelo produto – o texto que compõe – mas também pelo processo de composição. E se envolve cada vez mais nesta tarefa de partilhar seu conhecimento de mundo pela linguagem escrita. Além do fato de que, ao trabalhar com um determinado tema, o aluno precisa coletar dados sobre ele para não cair no lugar comum: conhecer seu histórico, pesquisar o tratamento que já recebeu por diferentes autores, comparar pontos de vista, organizar informações. E a internet vem se tornando cada vez mais um recurso para que os alunos possam buscar as informações de que necessitam. “A aprendizagem integrada e colaborativa possibilita a apropriação e o uso das informações disponíveis não como conhecimentos distanciados dos reais interesses dos alunos, ao contrário, como uma aprendizagem participativa, orientada pela própria maneira de ser do sujeito” (Kenski, 2000: 134). Na medida em que esta pesquisa é compartilhada com os outros integrantes do grupo, em chats e em fóruns de discussão, maiores se tornam as possibilidades de um novo olhar para as diferentes formas de se estruturar o texto.

O curso de produção de textos – leitura e redação – foi oferecido primeiramente a um grupo de 15 secretárias da Metodista, com uma aula presencial, quando as participantes tiveram oportunidade de visualizar as unidades do curso, conhecer seus objetivos e participar do primeiro chat. Depois foi oferecido a um outro grupo, também interno, com o objetivo de aprimorá-lo antes de disponibilizá-lo para a comunidade externa. Hoje o curso está na terceira turma e a experiência nos mostra que é necessário, num curso a distância, na modalidade on-line, grande dose de autodisciplina por parte dos alunos e cobrança constante do professor para que realizem as tarefas. Em síntese, de um curso a distância não se pode abrir mão de:

- *Atividades programadas* – O aluno deve saber antecipadamente quais são as atividades que vai realizar durante o curso, quais são seus objetivos, quanto tempo terá para cada uma, qual o prazo de entrega de suas atividades, quais as possibilidades de interação com o professor e com seus colegas de turma.
- *Troca de experiências* – A troca de experiências de leitura/redação não se faz simplesmente entre o aluno e o professor, mas também entre todos os alunos que estejam participando de uma mesma turma, através de chats e fóruns de discussão mediados pelo professor.
- *Estímulo à atividade de escrever e reescrever* – O ato de ler e refazer o texto, quantas vezes necessárias e quantas vezes o autor tiver disponibilidade de refazê-lo, não só melhora o produto como também o processo, pois o autor vai descobrindo e refazendo os caminhos

da produção. Compartilhar com os colegas e o professor o processo de escrever – e não apenas o produto – é tarefa que enriquece o próprio ato de escrever e auxilia o processo de outros autores.

- *Turmas pequenas* – Um curso de redação exige muita disponibilidade do professor, por isso o ideal é que as classes de leitura/produção de textos não tenham mais do que 25 alunos, para que o acompanhamento possa ser personalizado, as dúvidas de cada aluno sejam esclarecidas de imediato, seus textos lidos e comentados num prazo suficiente para que não se esqueça do que escreveu, de como escreveu e, principalmente, para que não se frustrasse por não ter um leitor que lhe dê a atenção que merece.
- *Prazo preestabelecido* – A entrega de tarefas precisa ser feita num prazo previamente determinado, já que muitos alunos não estão acostumados a administrar seu tempo fora do horário passado dentro de um espaço físico determinado.

EM FORMA DE CONCLUSÃO...

À medida que um número cada vez maior de pessoas tem acesso à internet, ampliam-se as possibilidades da educação num sentido amplo. Diante de uma tela de computador conectada a uma linha telefônica, o mundo inteiro invade o pequeno espaço onde está o leitor. Deste mundo que se disponibiliza, muitos cursos podem fazer parte. E é muito bom que o façam. Recorrendo a uma linguagem mais afetiva, mais interativa, o professor dos cursos on-line pode exercer seu papel de orientador,

dialogar, ter um contato mais próximo com o participante, fazer com que aquele que está a distância se sinta à vontade para fazer perguntas, esclarecer dúvidas, expor seus pontos de vista, defender suas idéias.

A experiência com os três grupos deixa claro que o compromisso com as tarefas não é o mesmo que nos cursos presenciais, já que o curso a distância não é visto pelo aluno como um curso que substitui o presencial, mas como algo complementar, que ele faz no sentido de aprimorar seus conhecimentos. Assim, ao primeiro impedimento por acúmulo de trabalho ou por outras razões, o aluno não titubeia em se afastar do curso. Como não conhecem pessoalmente as pessoas que o administram, poucos são os que justificam sua desistência, mesmo com a insistência do professor e do tutor para que expliquem os motivos de ter deixado de realizar suas tarefas e seus contatos. Mas aqueles que permanecem, aqueles que, com disciplina, realizam suas tarefas, passam a descobrir o prazer de escrever. E isso é gratificante, para o aluno e também para o professor, que vai aprendendo a lidar com novas linguagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FIORIN, J.L. & SAVIOLI, F. **Para entender o texto – leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2000.
- KAUFMAN, A M. e Rodríguez, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.
- KENSKI, V. M. As novas tecnologias de comunicação e informação e as mudanças necessárias nas instituições educacionais. **Revista Educação & Linguagem, nº 3**. São Bernardo do Campo: UMESP: 2000.
- MESERANI, S.C. **O intertexto escolar**: sobre leitura, aula e redação. São Paulo, 1995.
- SAVIANI, D. O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. São Paulo: **Revista ANDE**, ano 4, n.7, 1984.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas: Cedes, 2002.